



Joel Jerônimo: coice de cavalo em Cristalina (GO), atendimento no Gama

Joel, o quase-cidadão

A família não lhe deu paz. O Brasil não lhe permitiu estudar. O patrão não lhe concedeu uma carteira assinada. A prefeitura não lhe deu assistência médica.

Acostumado a viver de não, o carvoeiro Joel Jerônimo dos Santos, 27 anos, recebeu três coisas esta semana: um coice de cavalo, que lhe quebrou o omoplata; uma viagem de ambulância, que o trouxe de Cristalina (GO) para o Hospital do Gama, e assistência médica.

Ele deverá se submeter hoje a uma cirurgia. Depois, ficará pelo menos quatro dias em observação. Durante esse tempo, só tem para vestir a mesma roupa cheirando a carvão com que apareceu no hospital.

A ambulância que o pegou em uma carvoaria a 50 quilômetros de Cristalina foi embora do hospital 10 minutos depois de registrar o

paciente. Como Joel, outros tantos sabem como chegaram ao Gama, mas não sabem como irão embora.

Ele não espera visita. A mãe e os sete irmãos vivem no Paraná. São bóias-frias. Há sete meses, Joel chegou ao cerrado. Verdadeira epopéia para quem não sabe ler. "Eu não me entendia com o povo lá de casa", diz, exibindo os poucos dentes que lhe restam.

Joel está sem documentos e sem dinheiro. Ontem, pedia trocados para comprar cigarros. Como as esmolas, os reais que o governo gastará no seu tratamento não terá retorno. Isso porque o patrão que paga a Joel cerca de R\$ 13 por dia trabalhado não assinou a Carteira de Trabalho do empregado. Portanto, o dono da carvoaria não paga contribuição ao Instituto Nacional do Seguro Social. E o Distrito Federal paga o pato.